



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14634948>

e-ISSN: 2177-8183

PERFIL DE ESTUDANTES DA EJA EM UM INSTITUTO FEDERAL

PROFILE OF EJA STUDENTS AT A FEDERAL INSTITUTE

PERFIL DE LOS ESTUDIANTES DE EJA EN UN INSTITUTO FEDERAL

Paulo Roberto Pimentel Duavy

pauloduavy@gmail.com

Doutorando em Administração (UFRN)

Docente do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Max Leandro de Araújo Brito

max.brito@ufrn.br

Doutor em Energia e em Educação

Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

O estudo teve o objetivo de delinear o perfil de estudantes da Educação de Jovens e Adultos em um campus de um Instituto Federal brasileiro, por meio de características demográficas, acadêmicas e socioeconômicas. A pesquisa é descritiva e quantitativa e foi realizada com a análise de dados disponibilizados pela instituição de ensino, no período de 2014 até 2024. Os resultados revelam a predominância de estudantes pardos, a maioria oriunda de escolas públicas, com uma maior entrada de homens em alguns anos, mas com conclusão e rendimento acadêmico superiores das mulheres. Por fim, o estudo conclui que o perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos é multifacetado, demonstrando a diversidade e os desafios enfrentados por essa modalidade educacional.

Palavras-chave: Perfil Estudantil. Estudantes da EJA. Desempenho Acadêmico. Características Socioeconômicas.

ABSTRACT

The study aimed to outline the profile of students in Adult Education (EJA) at a campus of a Brazilian Federal Institute, examining demographic, academic, and socioeconomic characteristics. The research is descriptive and quantitative, conducted through the analysis of data provided by the educational institution, in the period from 2014 to 2024.

The results reveal a predominance of mixed-race students, mostly from public schools, with a higher intake of men in some years, but with superior academic performance and completion rates among women. Ultimately, the study concludes that the profile of EJA students is multifaceted, reflecting the diversity and challenges faced by this educational modality.

Keywords: Student Profile. Adult and Youth Education Student. Academic Performance. Socioeconomic Characteristics.

RESUMEN

El objetivo del estudio fue delinear el perfil de los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos en un campus de un Instituto Federal Brasileño, utilizando características demográficas, académicas y socioeconómicas. La investigación es descriptiva y cuantitativa y se llevó a cabo mediante el análisis de los datos puestos a disposición por la institución educativa de 2014 a 2024. Los resultados muestran un predominio de estudiantes morenos, la mayoría de escuelas públicas, con un mayor ingreso de hombres en algunos años, pero con mayor conclusión y rendimiento académico por parte de las mujeres. Finalmente, el estudio concluye que el perfil del alumnado de Educación de Personas Jóvenes y Adultas es multifacético, demostrando la diversidad y los retos a los que se enfrenta esta modalidad educativa.

Palabras clave: Perfil del estudiante. Estudiante de Educación de Adultos y Jóvenes. Rendimiento académico. Características socioeconómicas.

INTRODUÇÃO

O perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é diverso. Entre os alunos, é comum encontrar adolescentes de 18 anos que buscam recuperar o tempo perdido na escolarização para melhorar oportunidades no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, há jovens adultos e idosos que, impulsionados por um simples desejo de aprender a ler e escrever, retornam à escola em busca de realização pessoal e inclusão social (OZÓRIO; POLETTO, 2018).

A EJA no Brasil é uma modalidade educacional que carrega uma complexidade que vai além das questões puramente educacionais, pois representa

uma alternativa para conclusão do ensino fundamental e médio fora do tempo regular, estando intimamente ligada a aspectos políticos e socioeconômicos. Essas questões refletem desafios do abandono escolar precoce, motivado pela necessidade de ingressar no mercado de trabalho e atendimento das demandas do capitalismo e da economia vigente (BARROS; CAMARGO, 2019).

Para tanto, o presente estudo teve como objetivo delinear o perfil de estudantes da EJA em um campus de um Instituto Federal brasileiro, por meio de características demográficas, acadêmicas e socioeconômicas. O entendimento do perfil destes estudantes em um Instituto Federal é importante para compreensão da diversidade e das necessidades específicas dessa população.

Um aspecto central da análise de perfil é a identificação das etnias e raças dos estudantes. Isso permite que o Instituto avalie como diferentes grupos raciais estão acessando a educação, além de possibilidade da criação de políticas mais inclusivas e sensíveis às particularidades culturais e históricas desses alunos. O reconhecimento das disparidades raciais pode, assim, orientar a instituição na equidade e na justiça social, garantindo oportunidades de êxito acadêmico.

Outro elemento é a identificação se os estudantes da EJA vieram de escolas públicas ou privadas. Esse dado revela as desigualdades sociais e educacionais que os alunos enfrentaram antes do ingresso na EJA. Estudantes que vieram de escolas públicas, por exemplo, podem ter vivenciado condições de ensino diferentes daqueles que frequentaram escolas privadas, o que pode impactar o desempenho e as necessidades educacionais. O entendimento da origem educacional dos alunos permite a adaptação de práticas pedagógicas e oferece suporte adicional para aqueles que precisam, contribuindo para a redução de lacunas educacionais.

A análise do sexo dos estudantes no momento do ingresso e da conclusão na EJA é importante. A distribuição permite que o Instituto avalie possíveis desigualdades de acesso e permanência entre homens e mulheres. Isso é especialmente importante em contextos de barreiras sociais e culturais. Por exemplo, mulheres podem enfrentar

desafios específicos relacionados à conciliação dos estudos com responsabilidades domésticas e familiares. Com esses dados, o Instituto pode desenvolver estratégias para apoiar ambos os grupos de maneira equitativa.

O índice de rendimento acadêmico na conclusão da EJA é um indicador de eficácia do programa e do progresso dos estudantes. Monitorar o desempenho dos alunos permite ao Instituto identificar quais práticas pedagógicas estão sendo eficazes e quais precisam ser revisadas. Além disso, esse índice pode revelar desigualdades de aprendizado entre diferentes grupos de estudantes, como raças, sexo ou origens escolares. O entendimento dessas variáveis ajuda a instituição de ensino a ajustar suas metodologias de aprendizagem e fornecer intervenções personalizadas para garantir que todos os alunos alcancem o máximo de seu potencial.

Por fim, cabe lembrar que os alunos da EJA têm suas vozes silenciadas ao longo da vida. Por isso, a relação entre professores e esses alunos deve ser fundamentada no diálogo, na interação e na troca de experiências, com um forte compromisso com o desenvolvimento do potencial dos estudantes. É importante que o professor da EJA entenda a importância de uma formação adequada, direcionada para esse público específico, e que exija apoio das secretarias de educação no desenvolvimento profissional (ROQUE; TELES, 2023).

PARTÍCIPIES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Historicamente, o preconceito e a exclusão social marcaram a vida de quem não dominava a leitura e a escrita, tornando-as alvos de estigmas sociais. Tempos atrás, era comum que pessoas, especialmente idosas e de áreas remotas, buscassem na EJA uma forma de obter o reconhecimento social que lhes foi negado na juventude, quando não puderam prosseguir nos estudos. A falta de alfabetização privou de oportunidades e as expôs ao julgamento de serem consideradas incapazes, um

preconceito que desvalorizava seus conhecimentos em comparação ao saber formal apresentado nas escolas (OZÓRIO; POLETTTO, 2018).

A EJA é uma modalidade de ensino prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), que visa garantir o direito à educação a cidadãos que não puderam completar a escolaridade básica na idade apropriada. A LDB estabelece que a EJA deve ser ofertada a partir de políticas públicas específicas, adequando-se às características desses estudantes. A lei reforça a função inclusiva da EJA, reconhecendo a diversidade de perfis entre os alunos e a necessidade de flexibilização curricular e metodológica para atender adequadamente tanto jovens quanto adultos.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (BRASIL, 2000) destacam a importância da adaptação dos conteúdos e as abordagens pedagógicas às experiências de vida e ao contexto sociocultural dos estudantes. Isso envolve o reconhecimento das trajetórias interrompidas de escolarização e das demandas diferenciadas de quem concilia estudos com outras responsabilidades, como trabalho e família. A EJA repara lacunas educacionais e promove integração social, oferecendo oportunidades de qualificação profissional e de cidadania crítica.

Além disso, a LDB (BRASIL, 1996) prevê que os sistemas de ensino devem incentivar formas alternativas de oferta de educação, como modalidades presenciais e a distância, para ampliar o acesso à EJA. A implementação de iniciativas como certificação por meio de exames e a valorização do ensino técnico-profissional são estratégias que buscam garantir a efetividade da modalidade. No entanto, a garantia desse direito educacional ainda enfrenta desafios, como a evasão escolar e a escassez de políticas públicas efetivas que promovam a permanência e sucesso escolar de jovens e adultos.

O retorno à escola oferece a oportunidade de conscientização sobre sua importância dentro das relações sociais em que estão inseridos. Através da educação, esses estudantes podem validar e enriquecer os conhecimentos que já possuem,

transformando-se em participantes ativos na sociedade e na história (OZÓRIO; POLETTTO, 2018).

O foco da EJA está na aquisição de habilidades como leitura, escrita e matemática básica, mas essa abordagem pode ser insuficiente para atender às necessidades completas dos alunos. A limitação do conteúdo abordado deixa de lado outras dimensões importantes da formação cidadã e profissional, que são essenciais para a inserção efetiva desses indivíduos na sociedade e no mercado de trabalho (MELO; SANTOS; MARTINS, 2015).

A EJA em um Instituto Federal é uma modalidade de ensino que busca integrar a educação profissional ao ensino médio, atendendo a um público diversificado e heterogêneo. Este programa enfrenta desafios ao lidar com essa diversidade, que inclui homens e mulheres, trabalhadores e desempregados, jovens, adultos e idosos, que possuem trajetórias escolares descontínuas e experiências de fracasso escolar (PESSANHA; CARMO, 2020). Essas pessoas frequentemente em busca de recuperar o *tempo perdido* e explorar novas oportunidades na vida, precisam ser recebidas pela escola como participantes ativos nos processos de ensino e aprendizagem, evitando assim novas formas de exclusão. As instituições que oferecem a EJA devem, portanto, realizar um trabalho diferenciado e específico para atender às necessidades desse público diversificado.

Embora a EJA pretenda formar indivíduos tanto para a cidadania quanto para o mercado de trabalho, na prática, ela frequentemente se limita à alfabetização, sem conseguir atender plenamente o público que deveria alcançar. Isso reflete uma limitação em sua aplicação, onde o foco acaba sendo estreitado para o ensino das habilidades mais básicas, sem considerar as demandas mais amplas dos estudantes (MELO; SANTOS; MARTINS, 2015).

As realidades enfrentadas por cada aluno da EJA são únicas e variadas, refletindo suas diferentes experiências de vida, contextos de trabalho, grupos sociais e dinâmicas familiares. Cada estudante carrega responsabilidades tanto sociais

quanto familiares, moldadas por valores éticos e morais que emergem de suas experiências individuais e do ambiente sociocultural em que estão inseridos (OZÓRIO; POLETTTO, 2018).

Um desafio enfrentado pelos professores que atuam na EJA é reconhecer que essa modalidade possui características próprias e diferenciadas. Entre os desafios estão a superação da visão da EJA como uma modalidade compensatória, que leva ao seu aligeiramento; a necessidade de evitar a *infantilização das práticas*, que resulta na simples adaptação das metodologias da educação infantil para os adultos; e a compreensão de que, independentemente da idade, todos os sujeitos têm a capacidade de aprender (ROQUE; TELES, 2023).

Uma característica marcante da EJA é a diversidade dos estudantes, que inclui pessoas idosas, habitantes das zonas urbana e rural, adultos que precisam concluir sua formação para atender exigências de empregadores, e jovens cuja idade é considerada inadequada para o ensino regular, entre outros. Dessa forma, é essencial conceber uma escola para jovens e adultos que seja diferente, flexível e atenta às especificidades desse alunado. Além disso, é importante sair da perspectiva simbólica de perda e falta em ver esses alunos como sujeitos com potencial. Reconhecer que eles podem retomar e até expandir seus projetos de vida, como a inclusão de um curso superior, dependerá de investimentos adequados nas condições de trabalho dos professores, em sua formação continuada, e na criação de materiais didáticos e metodologias ajustadas às características sociais, culturais e cognitivas desse público (ROQUE; TELES, 2023).

Reconhecendo a importância de entender quem são os jovens da EJA, por meio da identificação de seus perfis, expectativas e experiências, esta pesquisa foi desenvolvida com a compreensão de que a EJA vai além de uma questão de idade, abrangendo o atendimento de uma comunidade com especificidades culturais e sociais. Há, portanto, uma necessidade clara de demarcar quem é o estudante da EJA

ao se estudar esse público, especialmente considerando que as turmas são multietárias, compostas majoritariamente por jovens (ARAÚJO; COUTRIM, 2012).

O crescimento da consciência sobre o direito à educação entre a população jovem e adulta, que foi excluída do sistema escolar, faz com que suas demandas sejam dirigidas ao poder público e à sociedade. No entanto, essas demandas ainda são vistas como secundárias na elaboração de projetos político-pedagógicos e de políticas públicas destinadas a essa população. O ingresso de jovens, especialmente aqueles de baixa renda, no mercado de trabalho e a esperança de conseguir um emprego têm impulsionado a demanda por programas de escolarização. Para esses estudantes, as expectativas estão fortemente ligadas às novas exigências do mundo moderno e à busca por mobilidade social. A presença de jovens na EJA não é mais um fenômeno passageiro, mas sim um processo que se consolida diante das demandas sociais, gerando desafios para os professores em sala de aula, considerando os diferentes ritmos de aprendizagem (ARAÚJO; COUTRIM, 2012).

Diante da diversidade presente nas escolas públicas, tanto em termos culturais quanto econômicos, o professor como profissional tem um compromisso ético e social de buscar o desenvolvimento de habilidades e estratégias que legitimem o processo de ensino-aprendizagem. A multiplicidade de fatores que influenciam o aprendizado, desde pequenas singularidades até as características do modo de vida dos estudantes, demanda que o professor adapte suas aulas aos interesses dos alunos, aprofundando os conhecimentos e melhorando os resultados educacionais (REIS-NETO et al, 2022).

Para os estudantes, a escola deve ser um espaço de sociabilidade, transformação social e construção de conhecimento, sempre levando em conta a bagagem histórica e cultural que cada aluno carrega. No ambiente escolar, questiona-se se os conteúdos abordados terão aplicação prática em nas vidas cotidianas. Por isso, é pertinente adotar uma perspectiva pedagógica que valorize os saberes que

possuem significado concreto para os estudantes, atendendo às suas condições físicas, mentais e sociais (REIS-NETO et al, 2022).

Embora as pesquisas sobre o perfil dos alunos da EJA tenham avançado, proporcionando dados empíricos relevantes, é importante lembrar que as condições sociais estão em constante mudança, alterando as características desse público. Essa dinâmica social exige estudos contínuos que capturem o momento atual dos estudantes que não concluíram o ensino regular na idade esperada, para que as práticas educacionais sejam eficazes e pertinentes (REIS-NETO et al, 2022).

O entendimento da realidade dos alunos da EJA, motivações, expectativas e limitações em relação à educação é relevante para compreensão dos mecanismos de resistência que os movem e as razões que os afastaram do ensino regular. Além disso, é necessário o conhecimento das expectativas desses estudantes para o futuro, considerando a privação do direito à educação e de outros direitos básicos, como saúde, moradia digna, assistência social, lazer e trabalho (REIS-NETO et al, 2022).

A exclusão social e a negação de direitos básicos que alunos da EJA enfrentam tornam ainda mais urgente a necessidade de uma educação que seja sensível às suas realidades. Por isso, o processo educativo deve ser inclusivo e capaz de responder às demandas de um público que tem, historicamente, sido marginalizado. Assim, a escola e o professor são significativos para transformação dessa realidade e promoção de uma educação que instrua e empodere os alunos, garantindo-lhes acesso a uma cidadania plena (REIS-NETO et al, 2022).

A EJA não é uma inovação no cenário educacional brasileiro; suas raízes remontam ao período colonial, quando a educação era acessível apenas a uma parcela privilegiada da população, o que resultava em uma prática excludente que deixava de lado a educação do povo. Esse caráter excludente continua a reverberar na EJA atual, que busca atender a um público marginalizado pelo sistema educacional e social (BARROS; CAMARGO, 2019).

A exclusão educacional enfrentada pelos alunos da EJA está intimamente ligada às condições socioeconômicas do país, onde a desigualdade social e a falta de oportunidades de trabalho formal contribuem para o abandono da escola. Essas condições refletem a necessidade de uma modalidade de ensino que ofereça a conclusão do ensino básico e responda às necessidades e realidades desses indivíduos marginalizados (BARROS; CAMARGO, 2019).

As consequências dessa exclusão educacional são profundas, afetando as trajetórias individuais e o desenvolvimento social, econômico, tecnológico, sustentável e democrático do Brasil. A falta de escolaridade e qualificação profissional contribui para uma série de perdas que impactam diretamente o progresso do país, evidenciando a necessidade urgente de políticas públicas mais eficazes para integrar esses jovens e adultos ao sistema educacional e ao mercado de trabalho (SANTOS et al, 2023).

É evidente que avanços tecnológicos continuarão a ocorrer, trazendo consigo novas exigências educacionais. Em um país marcado por desigualdades econômicas e sociais, a adoção de práticas de ensino baseadas no uso de recursos tecnológicos pode se tornar um mecanismo de exclusão escolar para uma parcela da população brasileira (BARBOSA, 2020).

No entanto, a EJA pode representar uma oportunidade de proporcionar novas metodologias de ensino, e recuperar o direito social à educação, especialmente considerando as características específicas de seu público-alvo, o que pode demandar abordagens pedagógicas diferentes daquelas empregadas na educação regular. Isso se deve ao fato de que a EJA precisa atender a necessidades distintas, oferecendo uma segunda chance de aprendizagem para aqueles que foram excluídos do sistema educacional convencional (MELO; SANTOS; MARTINS, 2015).

Para gestores e professores, o ensino noturno representa um desafio, gerando um desconforto que precisa ser enfrentado diariamente. Historicamente, observa-se que os governos frequentemente optam por medidas paliativas na

implementação dessa modalidade de ensino, sem fornecer as condições necessárias para que funcione de forma adequada. Essa abordagem superficial tem impedido o pleno desenvolvimento do ensino noturno, dificultando sua eficácia em atender às necessidades dos alunos que dependem dessa modalidade (LIMA; GOMES; SOUZA, 2019).

Diversos fatores contribuem para o cenário atual do ensino noturno, entre eles a percepção negativa que se têm dessa modalidade e dos alunos atendidos. Além disso, os profissionais podem não possuir o perfil adequado ou a formação necessária para lidar com as especificidades dos alunos adultos, e as condições de trabalho são inadequadas. As escolas noturnas seguem um modelo organizacional pensado para o ensino diurno, sem considerar as particularidades de um público composto por trabalhadores, idosos e jovens, o que compromete a qualidade do ensino oferecido (LIMA; GOMES; SOUZA, 2019).

Além da falta de escolaridade básica, há o não acesso a cursos de formação e qualificação profissional, o que limita suas oportunidades de usufruir de bens culturais, científicos e tecnológicos. Essa carência de formação impede o acesso a melhores oportunidades de trabalho e resulta em uma participação limitada na vida cultural e tecnológica da sociedade, restringindo o desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos (SANTOS et al, 2023).

Cabe reiterar, portanto, que tanto nas políticas quanto nas práticas, é essencial garantir a efetivação de um exercício pleno de formação de jovens e adultos como um direito, conforme preconizado pelas políticas mais emancipatórias. Isso se deve à percepção de diferentes sentidos e concepções dos fundamentos dos programas desenvolvidos. Portanto, as instituições e os formuladores de políticas precisam acompanhar as necessidades específicas dessa população, assegurando que a EJA seja verdadeiramente inclusiva e promotora de equidade social (MARASCHIN; FERREIRA, 2020).

Destarte, a EJA no Brasil oferece uma segunda chance de educação para aqueles que foram excluídos do sistema formal. No entanto, essa modalidade de ensino enfrenta o desafio de lidar com as diversas formas de exclusão que os seus alunos vivenciam, exigindo uma abordagem educacional que seja sensível às complexas realidades políticas, sociais e econômicas que afetam esses indivíduos (BARROS; CAMARGO, 2019).

METODOLOGIA

O presente estudo é descritivo e quantitativo. A opção por um estudo descritivo foi possível para o alcance de características específicas de alunos da EJA. A abordagem quantitativa, como explica Lakatos e Marconi (2017), foi adotada para mensuração de variáveis de interesse. O caráter descritivo da pesquisa é importante para descrição das características da realidade estudada (FEW, 2012).

Os dados da pesquisa são de registros institucionais de alunos da EJA de um Instituto Federal, obtidos no período de 2014 até 2024. Os dados são de estudantes que não conseguiram concluir a educação básica no tempo regular bem como adultos e idosos que retornaram à escola em busca de novos conhecimentos ou qualificação profissional. A diversidade do corpo discente refletiu um conjunto variado de necessidades e expectativas, desde a busca por uma melhor colocação no mercado de trabalho até o desejo de realizar um sonho pessoal de alfabetização ou formação escolar.

Os dados quantitativos foram obtidos a partir de registros acadêmicos, questionários aplicados aos estudantes ou sistemas de informação do Instituto. As variáveis de interesse incluíram informações sobre etnia/raça, origem escolar (pública ou privada), sexo dos estudantes no momento do ingresso e da conclusão, e o índice de rendimento acadêmico na conclusão da EJA. Esses dados foram organizados em uma planilha do Excel, com cada linha representando um estudante e cada coluna

representando uma variável específica. Essa abordagem segue as diretrizes metodológicas estabelecidas por autores como Lakatos e Marconi (2017) em suas orientações para a coleta de dados quantitativos.

Para facilitar a análise quantitativa, os dados qualitativos, como etnia/raça e origem escolar, foram codificados. Por exemplo, etnias/raças foram codificadas como 1 para Brancos, 2 para Negros, 3 para Pardos, e assim por diante. A origem escolar foi codificada como 1 para escola pública e 2 para escola privada. O sexo foi representado como 1 para masculino e 2 para feminino. Além disso, os índices de rendimento acadêmico foram categorizados em faixas, como baixo (0-5), médio (6-7), e alto (8-10). Essa codificação seguiu os princípios de análise quantitativa recomendados por Gil (2019), que enfatiza a importância de transformar dados qualitativos em quantitativos para facilitar a análise estatística.

Com os dados estruturados e codificados, a próxima etapa foi realizar uma análise descritiva básica. Utilizando as funções estatísticas do Excel, como MÉDIA, DESVPAD, CONT.VALORES e PROCV, foram calculadas medidas de tendência central (média, mediana, moda) e dispersão (desvio padrão) para cada variável. Por exemplo, calculou-se a média do índice de rendimento acadêmico dos estudantes, assim como a proporção de estudantes de cada etnia/raça. A criação de gráficos de barras e histogramas ajudou a visualizar a distribuição de etnias, origens escolares e sexos entre os estudantes, conforme as técnicas sugeridas por Mattar (2018) em suas orientações sobre análise descritiva de dados.

Para explorar como diferentes variáveis se relacionavam entre si, como a relação entre etnia/raça e índice de rendimento acadêmico ou entre sexo e origem escolar, foi realizada uma análise cruzada utilizando tabelas dinâmicas no Excel. As tabelas dinâmicas permitiram agrupar os dados por diferentes critérios e calcular subtotais e totais, facilitando a identificação de padrões e correlações. Por exemplo, uma tabela dinâmica mostrou a média do índice de rendimento acadêmico para cada

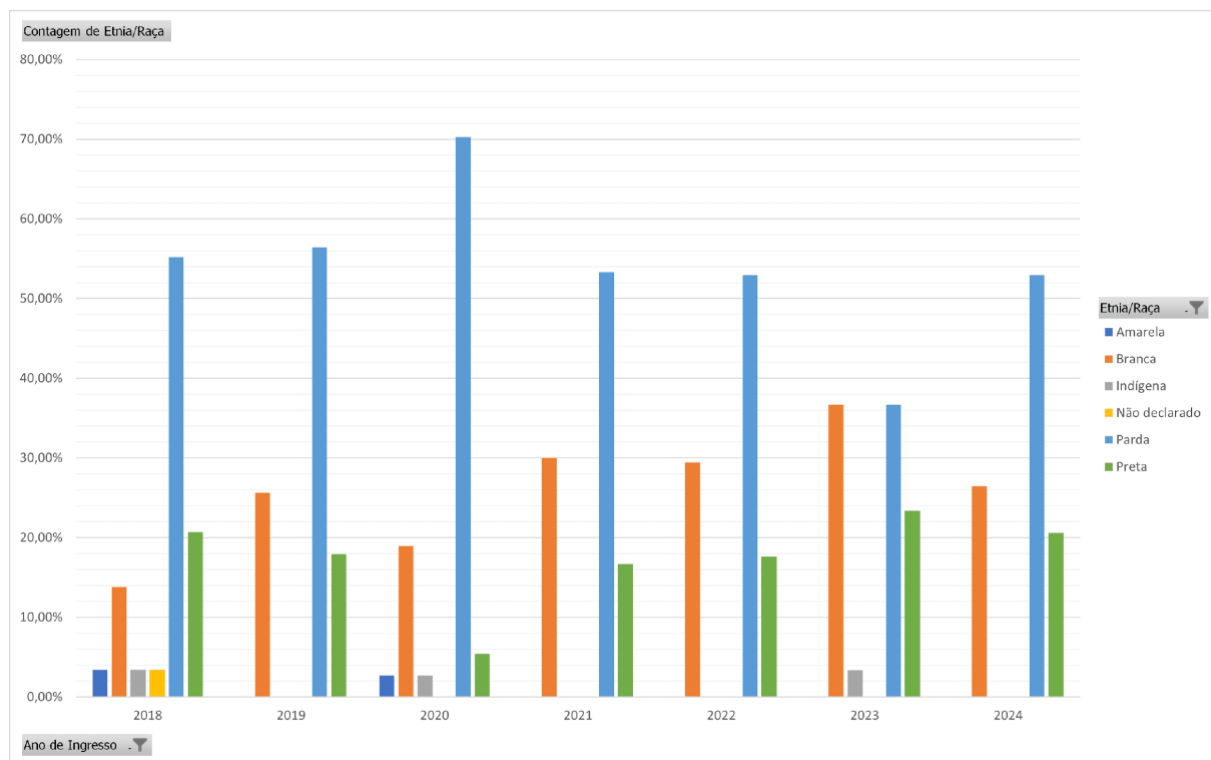
combinação de etnia/raça e origem escolar, conforme sugerido por Hair et al. (2020) em suas orientações sobre análise multivariada.

Uma vez que as análises quantitativas foram realizadas, o próximo passo foi criar *dashboards* no Excel para visualizar os resultados de forma interativa e acessível. Os *dashboards* incluíram gráficos, tabelas dinâmicas e outros elementos visuais que permitiram explorar os dados de forma intuitiva. Por exemplo, um gráfico de barras interativo mostrou o rendimento acadêmico médio por etnia/raça, enquanto uma tabela dinâmica interativa permitiu a filtragem de dados por sexo e origem escolar. A criação de *dashboards* seguiu as práticas recomendadas por Few (2012) sobre design de visualizações de dados eficazes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos estudantes da EJA do Instituto Federal por etnia e raça entre os anos de 2018 a 2024. Esta análise permite uma compreensão das características demográficas dos estudantes ao longo dos anos, destacando a representatividade de grupos raciais específicos.

Gráfico 1 - Etnia e Raça dos Estudantes da EJA



Fonte - Dados da pesquisa (2024).

A análise do Gráfico 1 revela uma predominância consistente de estudantes que se autodeclararam pardos, com exceção do ano de 2023, onde a entrada de pessoas autodeclaradas brancas quase igualou a dos pardos. Esse padrão sugere que, ao longo dos anos, a EJA tem sido procurada pela população parda, o que pode estar relacionado com a miscigenação da população e ao histórico de desigualdades sociais e raciais no Brasil, conforme discutido por Barros e Camargo (2019). A variação observada em 2023 pode indicar mudanças na percepção de identidade racial ou em fatores socioeconômicos que influenciam o acesso à educação.

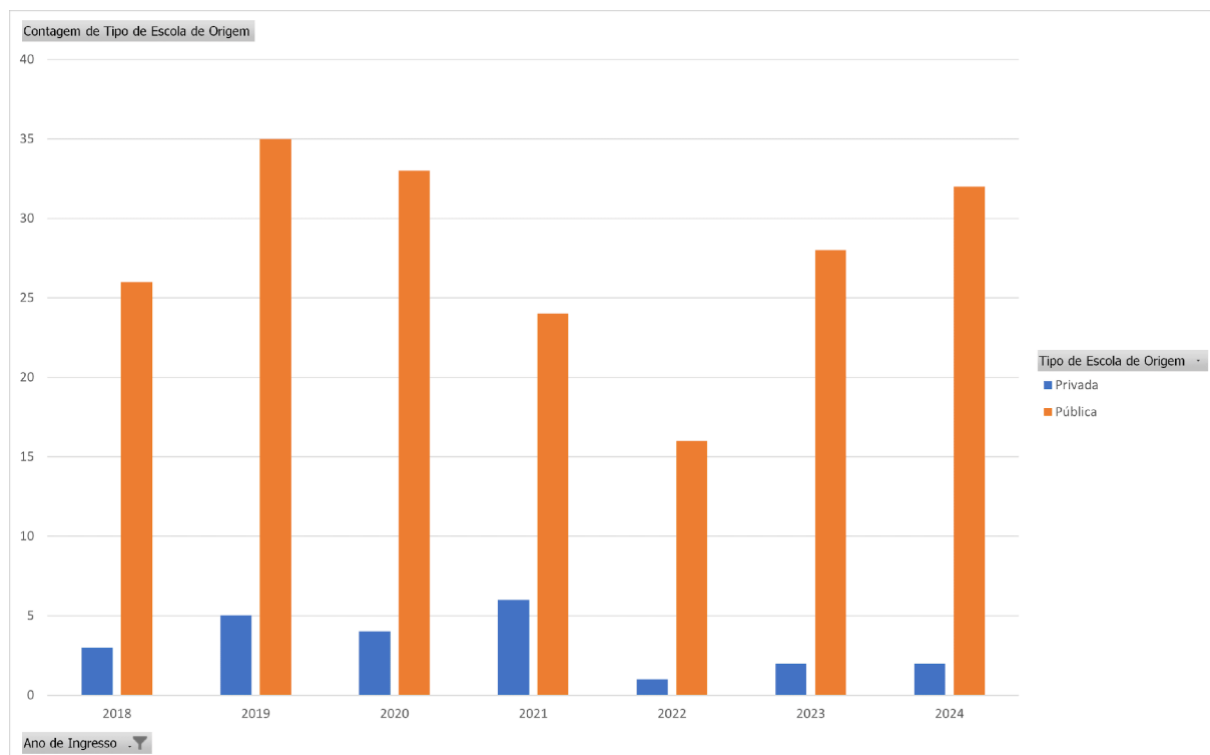
Esse dado é importante ao considerarmos que a EJA busca ser um instrumento de inclusão social para grupos historicamente marginalizados. A forte presença de estudantes pardos pode refletir as políticas públicas voltadas para a redução das disparidades educacionais, embora a proximidade com o número de

estudantes brancos em 2023 sugere a necessidade de investigar as dinâmicas que levaram a essa mudança. Conforme apontado por Melo, Santos e Martins (2015), a EJA deve se adaptar às características de seu público, e essa mudança demográfica pode exigir novas abordagens pedagógicas.

Os dados sobre etnia e raça destacam que, ao longo dos anos, os estudantes pardos têm representado a maior parte das matrículas na EJA, com uma exceção notável em 2023, onde a participação de estudantes brancos quase igualou a dos pardos. Esse padrão sugere a manutenção de desigualdades raciais no acesso à educação e aponta para possíveis mudanças demográficas ou socioeconômicas que podem estar influenciando a composição racial dos estudantes.

O Gráfico 2 ilustra a proporção de estudantes da EJA do Instituto Federal, entre 2018 e 2024, de acordo com a escola de origem, fosse pública ou privada. A análise desse gráfico oferece uma visão clara da trajetória educacional dos estudantes antes de ingressarem na EJA.

Gráfico 2 - Escola de Origem



Fonte - Dados da pesquisa (2024)

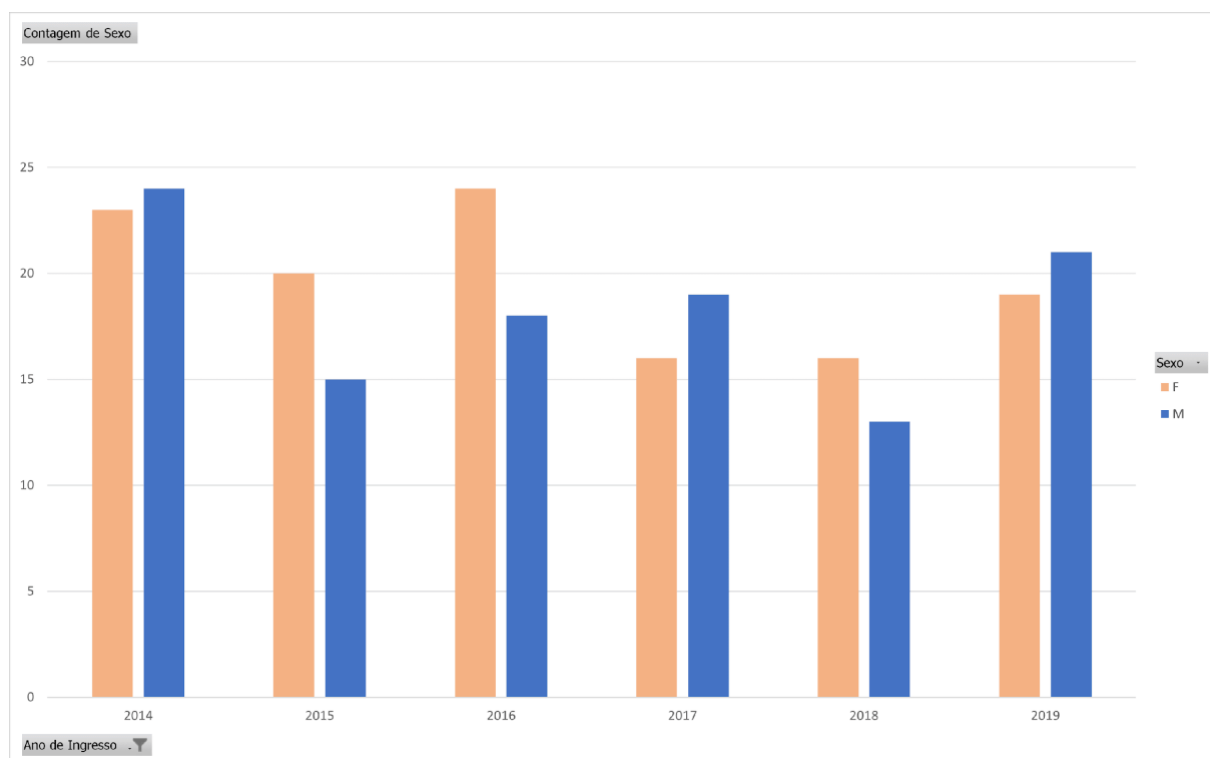
Os dados do Gráfico 2 indicam uma predominância de estudantes provenientes de escolas públicas, com mais de 60% de egressos em todos os anos analisados. Isso sugere que a EJA continua a servir àqueles que enfrentaram desafios educacionais em instituições públicas. Segundo Santos et al. (2023), a exclusão educacional é frequentemente associada a desigualdades sociais, e esses números refletem a função da EJA em corrigir essas disparidades.

Essa tendência evidencia a EJA como uma segunda oportunidade para aqueles que, por diversos motivos, não conseguiram concluir sua educação básica no tempo regular. A predominância de egressos de escolas públicas aponta para a necessidade de políticas educacionais que considerem as particularidades desse grupo, conforme discutido por Lima, Gomes e Souza (2019), especialmente em termos de recursos e metodologias adequadas.

A predominância de estudantes de escolas públicas em mais de 60% dos anos analisados reflete a EJA como uma alternativa para aqueles que não tiveram sucesso no sistema regular, um fato que sublinha a relevância desta modalidade no combate às desigualdades educacionais.

O Gráfico 3 apresenta a distribuição de estudantes da EJA do Instituto Federal por sexo (masculino e feminino) nos anos de ingresso, de 2014 a 2019.

Gráfico 3 - Sexo por ano de ingresso



Fonte - Dados da pesquisa (2024)

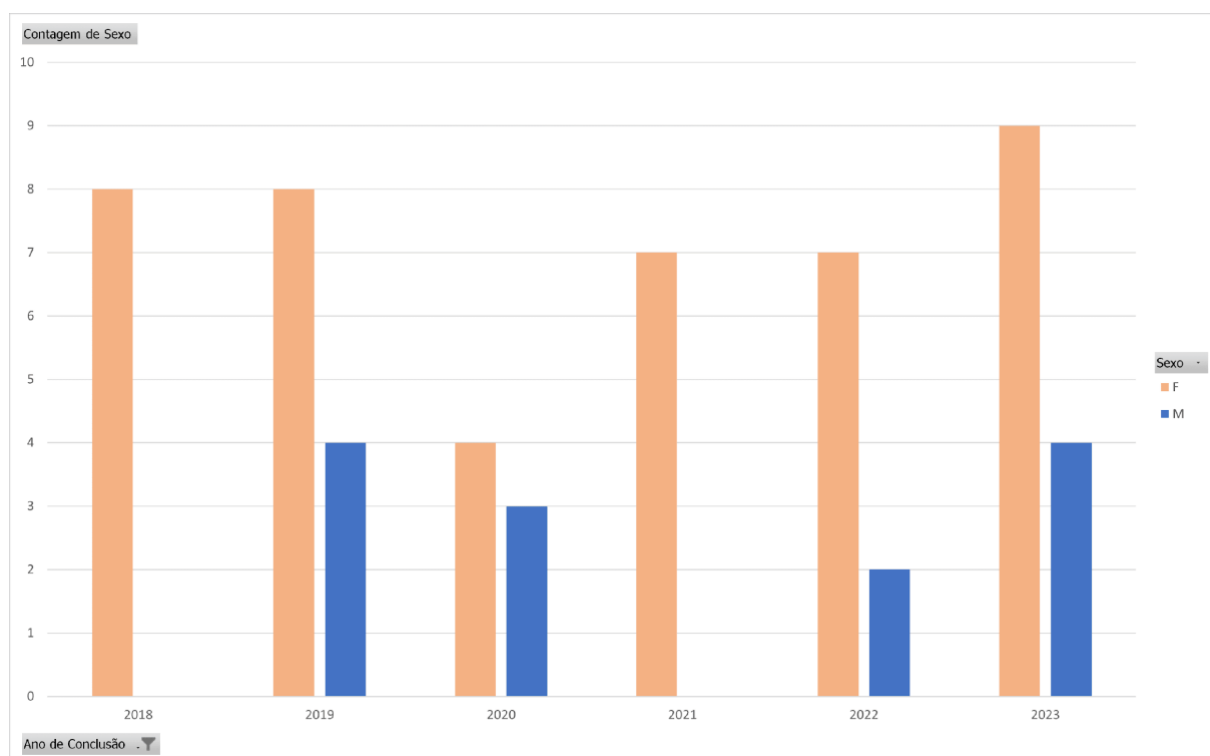
A análise do Gráfico 3 revela que, nos anos de 2014, 2017 e 2019, houve uma predominância de entradas de estudantes do sexo masculino na EJA. Isso pode indicar que, durante esses anos, a demanda por educação entre homens, possivelmente vinculada à necessidade de qualificação para o mercado de trabalho,

foi maior. Segundo Barros e Camargo (2019), questões socioeconômicas e a busca por emprego pode impulsionar os homens na busca de alternativas educacionais, como a EJA.

Essa predominância masculina pode estar associada ao perfil dos cursos oferecidos ou à percepção dos homens sobre a necessidade de concluir a educação básica para melhorar suas oportunidades de emprego. Isso ressalta a importância de políticas educacionais que considerem especificidades na formulação de estratégias para atrair e reter estudantes na EJA.

O Gráfico 4 mostra a distribuição por sexo (masculino e feminino) dos estudantes da EJA do Instituto Federal que concluíram seus estudos entre 2018 e 2023.

Gráfico 4 - Sexo por ano de conclusão



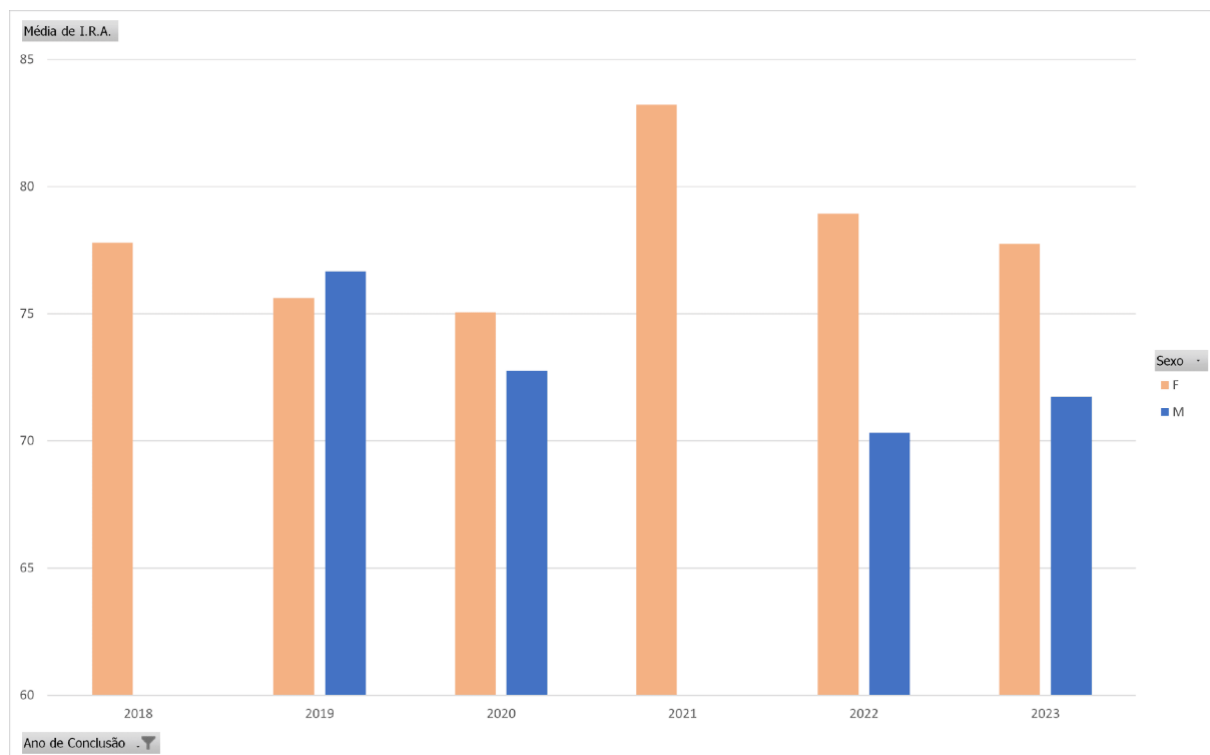
Fonte - Dados da pesquisa (2024)

A análise do Gráfico 4 indica que, apesar de a maioria dos ingressos ser masculina em alguns anos, as mulheres predominam na conclusão dos cursos nos anos analisados. Mesmo em turmas onde o número de homens ingressantes foi maior, como evidenciado no Gráfico 3, as mulheres foram maioria na quantidade de concluintes. Esse fenômeno pode refletir a maior resiliência e continuidade das mulheres nos estudos, um ponto que deve ser considerado ao planejar intervenções pedagógicas na EJA (SANTOS et al, 2023).

Essa predominância feminina nas conclusões aponta para questões relacionadas à permanência e ao sucesso escolar, sugerindo que as mulheres podem estar mais motivadas ou enfrentando menos obstáculos para concluir seus estudos na EJA. Essa tendência sugere a necessidade de apoiar os homens para que possam alcançar taxas de conclusão semelhantes, reforçando a igualdade de oportunidades dentro da EJA (LIMA; GOMES; SOUZA, 2019).

O Gráfico 5 apresenta a média do índice de rendimento acadêmico dos estudantes da EJA do Instituto Federal no ano de conclusão, de 2018 a 2023. Este gráfico é essencial para compreender as diferenças de desempenho acadêmico entre os estudantes ao longo dos anos.

Gráfico 5 - Média do Índice de Rendimento Acadêmico dos Estudantes



Fonte - Dados da pesquisa (2024)

A análise do Gráfico 5 mostra que as mulheres alcançaram, na maioria dos anos, as maiores médias de rendimento acadêmico em comparação aos homens. O único ano em que os homens tiveram um índice superior foi 2019, mas ainda assim, esse resultado foi inferior ao desempenho das alunas nos anos de 2018, 2021, 2022 e 2023. Esse padrão sugere que as mulheres têm uma taxa de conclusão mais alta e tendem a ter um desempenho acadêmico superior (MELO; SANTOS; MARTINS, 2015).

Esses dados reforçam a necessidade de investigar as razões por trás desse maior sucesso acadêmico das mulheres, considerando fatores como motivação, suporte familiar, ou mesmo as metodologias de ensino aplicadas. Ao compreender esses fatores, a EJA pode se tornar ainda mais eficaz em apoiar todos os seus

estudantes, garantindo que tanto homens quanto mulheres possam alcançar seu pleno potencial acadêmico (SANTOS et al, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revela que o perfil dos estudantes da EJA do campus mostra uma realidade multifacetada refletida nos dados analisados sobre etnia, escola de origem, sexo e desempenho acadêmico. A predominância de estudantes pardos, a maioria vinda de escolas públicas, com uma maior entrada de homens em alguns anos, mas uma conclusão e rendimento acadêmico superiores das mulheres, são aspectos que demonstram a diversidade e os desafios enfrentados por essa modalidade educacional.

A análise revelou uma dinâmica interessante, onde os homens tendem a ingressar em maior número em determinados anos, mas as mulheres dominam em termos de conclusão e rendimento acadêmico. Esse achado é relevante, pois sugere que, apesar das possíveis pressões sociais ou econômicas que podem levar os homens a buscar a EJA, as mulheres demonstram maior resiliência e sucesso no processo educacional. Esse fenômeno merece atenção especial, pois indica a necessidade de intervenções direcionadas que possam equilibrar as taxas de conclusão entre homens e mulheres e garantir que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades de sucesso.

Apesar das informações obtidas, este estudo apresenta algumas limitações. Primeiramente, a análise foi restrita a um único campus de um Instituto Federal, o que pode atar a generalização dos resultados para outras regiões ou instituições. Além disso, a falta de dados qualitativos que possam fornecer um entendimento mais profundo das motivações, desafios e experiências dos estudantes na EJA é uma limitação que poderia ser abordada em futuros estudos. Outro ponto que deve ser

considerado é a ausência de informações sobre as trajetórias pós-conclusão dos estudantes, o que forneceria uma visão mais abrangente do impacto da EJA em suas vidas.

Para futuros estudos, é recomendável ampliar a análise para outros campi e instituições, permitindo uma comparação mais ampla e na identificação de padrões regionais ou institucionais que possam influenciar o perfil dos estudantes da EJA. Outra sugestão seria a realização de estudos longitudinais que acompanhem os estudantes ao longo de sua trajetória na EJA e após a conclusão, proporcionando uma compreensão mais completa dos fatores que contribuem para o sucesso ou fracasso escolar. Além disso, a incorporação de métodos qualitativos, como entrevistas ou grupos focais, poderia enriquecer a análise ao capturar as vozes e experiências dos próprios estudantes, abordando motivações, desafios e expectativas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. A juvenilização na educação de jovens e adultos: o perfil dos alunos e das alunas jovens da Região dos Inconfidentes-MG. **Perspectiva**, v. 40, n. 4, p. 1–19, 2022.

BARBOSA, Carlos Soares. Impactos da pandemia da covid-19 na educação de jovens e adultos na rede municipal do rio de janeiro. **HOLOS**, v. 2, p. 1–16. 2020.

BARROS, A. P. M.; CAMARGO, J. C. Perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos em relação à prática de atividade física. **Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde**, v. 2, n. 1, p. 14-21, 23 ago. 2019.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Resolução CNE/CEB n.º 1, de 5 de julho de 2000. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 31, 19 jul. 2000.

FEW, Stephen. **Show me the numbers: designing tables and graphs to enlighten**. 2. ed. Burlingame: Analytics Press, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HAIR, Joseph F. et al. **Multivariate data analysis**. 8. ed. Boston: Cengage Learning, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Jediã Ferreira; GOMES, Adriana Teixeira; SOUZA, Rosana Marques de. Os impactos do perfil do aluno da Educação de Jovens e Adultos sobre a formação continuada de professores da rede municipal de Manaus/Amazonas. **Revista Saberes & Práticas**, n. 1, p. 23-37, jan. 2019.

MARASCHIN, Mariglei Severo; FERREIRA, Liliana Soares. A política de educação de adultos integrada à educação profissional no Brasil: das políticas às práticas. **HOLOS**, v. 3, p. 1–15, 2020.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MELO, C. H.; SANTOS, A. S.; MARTINS, N. S. de A. Educação de jovens e adultos: perfil dos professores e alunos numa escola pública. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 3, n. 2, 2015.

OZÓRIO, Derivalda Silva Lopes; POLETTTO, Lizandro. Perfil do aluno/professor e o desafio da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**, v. 4, n. 1, jan-jul. 2018.

PESSANHA, Josemara Henrique da Silva; CARMO, Gerson Tavares. Percursos do acesso ao PROEJA: um panorama do IFFluminense. **HOLOS**, v. 3, p. 1–21. 2020.

REIS-NETO, Antônio Couto et al. Vozes silenciadas: perfil e singularidades dos educandos da educação de jovens e adultos. **Revista Práxis**, v. 14, n. 28, p. 0-0, 14 nov. 2022.

ROQUE, Jôse Lafaiete; TELES, Nayana Cristina Gomes. Perfil, estratégias e metodologias de ensino de professores que atuam na Educação de Jovens e



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14634948>

e-ISSN: 2177-8183

Adultos no município de Itacoatiara-Amazonas. **Revista Foco**, v. 16, n. 02, p. e1194, 28 fev. 2023.

SANTOS, Robson dos et al. A Educação de jovens e adultos entre o direito inconcluso e a exclusão silenciada. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 8, 6 jul. 2023.